

narrador-protagonista pretende que a geração mais jovem não olvide uma época de opressão, de silenciamento, de crueldade e de terror (“– O que te vou contar é a minha vida naquele tempo. Para que tu e todos saibam que houve tempos muito difíceis, que não podemos esquecer (p. 9)). Ao convocar essa época, Viale Moutinho vem, por via da crítica implícita nesse acto de rememoração, dizer que a mudança era imprescindível e inevitável. Dialogando, de certo modo, com a coordenada “esperança”, de Ernst Bloch, e com a do princípio “responsabilidade”, de Hans Jonas, ambas antro-po-éticas, o autor “exige” a presença activa do jovem leitor no mundo para que, instruído sobre uma realidade distópica, não consinta, uma vez adulto, a opressão, a perseguição ou qualquer tentativa de abuso de poder.

Por fim, refira-se que a predisposição educativa surge focada na contra-capla: “Com OS MEUS MISTERIOSOS PAIS abre-se uma porta na evocação da memória colectiva dos soturnos anos anteriores à Revolução de Abril. Pela voz de um filho de militantes clandestinos, o salazarismo-marcelismo é amostrado aos jovens. Para que ninguém possa dizer que não sabia.” Este livro de Viale Moutinho é certamente um contributo fundamental para a preservação da memória colectiva de uma época e de um país.

---

**José Agostinho Baptista, *Caminharei pelo Vale da Sombra*, José Agostinho Baptista, Lisboa, Assírio & Alvim, 2011.**

Thierry Proença dos Santos

Universidade da Madeira/

Centro de Tradições Populares Portuguesas – FLUL

[thierry@uma.pt](mailto:thierry@uma.pt)

José Agostinho Baptista deu este ano a lume um novo livro, intitulado *Caminharei pelo Vale da Sombra*, um longo poema de mais de duzentas páginas, com a particularidade de o título ser o primeiro verso, como se convencionou fazer com poemas sem título próprio ou de título extenso.

Não passa despercebido o valor espiritual de “caminharei”, enquanto palavra profética. Se os dois primeiros versos se oferecem ao leitor como palimpsesto bíblico, no qual se pode ler um fragmento do

Salmo 23 “pelo vale da sombra da morte”, o poema irá porém sofrer um irónico desvio de significado por via do acrescento do ponto de interrogação no seu final, “da morte?”, abrindo-se deste modo à possibilidade de uma outra narrativa, com vários enunciatórios (a mãe, o cão, Deus, a amada, o pai, o medo, a alma, a vida, o “leitor que não o ama” e o “leitor cuja carruagem de ouro branco transporta o punho erguido do poeta”).

Assim, a convocação de mistérios religiosos revela o carácter vaticinador do discurso do poeta que, ao denunciar o esboroar de valores humanos na nossa sociedade, se inscreve numa linha pós-romântica de teor órfico, no desejo inexpugnável e ferido da palavra e da imagem, na tessitura alegórica de uma narrativa de vida pessoal, com alcance moral e repleta de sentidos figurados e desdobráveis.

Sob os signos da elegia e do encantamento, a escrita configura-se como um fluxo verbal, ora sereno, ora tumultuoso, que percorre o subterrâneo mundo da morte, da ausência e da memória, convocando vozes e figuras de tempos múltiplos, como quem desfia um rosário de evocações doridas da infância à idade adulta: “Em frente, / a igreja parecia de uma brancura nova, / imaculada. / Os ciprestes eram como longos braços erguidos. / Numa única lápide, li um epitáfio com duas rosas. / Um cão ladrou e, como uma dor que se reabrisse, / lembrei-me de ti, / e deixei que voltassem a correr as lágrimas. / Estava só, / estaria sempre só. / O peso do mundo era irremediável. (pp. 110-111).

Com efeito, o poema consegue extrapolar dessa itinerância verbal ilações sobre a natureza humana que sobrevivem para além das circunstâncias que motivaram o poeta. Ao fazer da própria travessia existencial a sua trama discursiva, a voz desdobra-se em vozes que entrelaçam versos numa deambulação de sequências narrativas, interpeladoras ou indagantes, em modo essencialmente lírico, por vezes de carácter confessional.

A obra traduz, pois, modos de paixão e de conhecimento sobre uma viagem que a escrita transforma em fábula da existência, ou melhor, em existência fabulosa, lembrando, com Protágoras, que “o homem é a medida de todas as coisas”. O sujeito poético apela à pureza dos elementos primordiais, cruza as crenças e os gestos, as lendas e os medos que habitam a sua cartografia sentimental, pergunta pela relação umbilical do ser com o mundo que o viu nascer, verbera

esse “país sem alma”, corroído irremediavelmente por esse mal (não será despicendo estabelecer uma relação entre essa visão disfórica e a curiosa nota inserta no final da ficha técnica do volume: “o autor repudia o novo acordo ortográfico”).

Neste enquadramento, a unidade temática desta poesia narrativa assenta numa tripla configuração do sujeito lírico:

a do poeta viandante / peregrino – “dirás de mim um dia: / ele era o viandante das rotas da seda (p. 69) – que divaga pelo “vale da sombra”, com estações que evocam glórias, segredos, revoltas e exílios de entidades que vêm dialogar episodicamente com a voz do texto. A imagem do andarilho decorre da plena assunção da aventura solitária do Eu, perante um mundo vasto e deserto, único interlocutor dessa voz em busca da harmonia perdida. E nessa peregrinação por um mar povoado de fantasmas, qual viagem iniciática, com regresso às origens da humanidade, desenham-se imagens de luta e de morte, de raiva e de amor.

A do poeta profeta / mago – “dirás de mim um dia: / (...), ele era os olhos da / noite larga?” (p. 69) – que institui um prenúncio, o jogo do desvendar aos poucos o que está para lá do dizível. O profeta é aquele que pela sua imaginação vê sinais dos tempos nos acontecimentos. Na sua afinidade com a revelação, o profeta não somente discerne sinais como é ele próprio signo pela sua palavra. Interroga a disforia inaugurada pelo esvaziamento do sentido dos tempos presentes e desenvolve uma resposta circular, como princípio gerador de um processo criativo. Anuncia: “Caminharei pelo vale da sombra / da morte?, / quando, já de tudo esquecida, nem a chuva nem o sol, reunidos numa única estação, / forem a encerrada memória da tua vida.” (p. 7). Concluirá: “Nunca fomos deste mundo, dir-lhe-ei por fim, ao fechar / a última porta” (p. 213). Essa deambulação pela paisagem interior virá de uma ideia de *sonho acordado* que contém, em si, o fulgor do espanto e a vibração da realidade terrena, abrindo-se para uma visão atemporal do mundo, com perdas e novas ameaças iminentes.

A do poeta passador / contrabandista – “sim, / porque eu sou a carruagem lunar das tuas idas e vindas” (p. 48) – que atravessa os tempos (note-se as várias mudanças de ancoragens temporais) e interroga assim os valores do mundo contemporâneo, em postura de marginalidade, de dissidência em relação aos discursos dominantes, sejam eles quais forem. A palavra poética, contrabando extraído da

noite desertada pelos deuses, apresenta-se como tocha sublime que permite atravessar as trevas sem fraquejar para vislumbrar verdades humanas, alicerçando a própria mitologia pessoal do poeta.

Assiste-se, deste modo, a pulsões do sujeito lírico à medida que compõe uma autobiografia alegórica: “Se ouvires, / saberás como foi o meu martírio, / como odiei ferozmente a cidade do exílio. / Não me viste pela madrugada, / ébrio, / amaldiçoando as ruas, quando no seu asfalto rodavam / as carruagens delirantes, / sem chegada nem partida, sobre os carris do sono. / Antes de aqui chegar, / fui das ilhas o primogénito, abri canais, túneis, / socalcos, / descí as levadas, deambulei entre vinhas como um cão perdido.” (p. 186).

Este livro de José Agostinho Baptista configura um itinerário de desencanto e de entrega a uma causa superior que tenta apreender o espírito da passagem pelo mundo, no pressuposto de que toda a vida humana possui essa capacidade extensiva de se inscrever no “centro do universo”. Para tal, desenvolve uma poética de comunhão na dor, de compaixão humana, visto a narração alegórica de uma vida e sua interpretação se prestarem a sentidas elegias à existência humana evocada. O apego do poeta ao ofício de dizê-la será decerto o caminho para a criação poética, que não se distingue da via para a recriação de si mesmo, através da transcendência da escrita que liga e funde existência e espírito, matéria e alma, cosmos e solidão humana.

**Gilberto Mendonça Teles, *Linear G*, São Paulo, Hedra, 2010, 150 págs.**

Maria Luísa Leal  
 Universidad de Extremadura  
[lleal@unex.es](mailto:lleal@unex.es)

Em 2010 veio a lume um livro do poeta brasileiro Gilberto Mendonça Teles intitulado *Linear G*, obra que reúne poemas escritos ao longo de dez anos. Apesar de possuir um carácter de repositório característico de uma matéria poética forçosamente compósita, *Linear G* apresenta-se como uma obra arquitectónica cuidadosamente